

A HISTORIOGRAFIA DA DANÇA NO AMAZONAS: Fatos, sujeitos e coletividades

Jeanne Chaves de Abreu¹

RESUMO

O presente estudo teve como fio condutor evidenciar a História da Dança no Amazonas no que concerne destacar indivíduos, fatos e coletividades que vieram contribuir para o desenvolvimento da dança na cidade de Manaus. Há duas décadas, temos nos debruçado em investigar a gênese da dança no Estado do Amazonas, catalogando e mapeando fatos, feitos e pessoas que contribuíram para o seu desenvolvimento e estabelecimento como arte até os dias atuais. Esta pesquisa assume o propósito de verificar como foi construída as bases da dança no Amazonas, mais especificamente na cidade de Manaus. Quando os primeiros professores aqui chegaram, encontraram campo fértil para plantar suas sementes. Dessa forma, contribuíram grandemente para que o estudo, a criação e a interpretação artística em dança se solidificasse. Manaus respira dança diuturnamente, a mesma é praticada em todos os bairros, seja de forma popular ou codificada, ela está presente em Clubes, Associações, Centros de Convivências, Quadras Desportivas, Academias e nas Escolas públicas e privadas. Iniciamos o processo de investigação a partir dos noticiários sobre a dança publicados nos jornais e periódicos do século XIX. Aprofundamos nossos estudos a partir da década de 1960 até 1990, onde encontramos registros significativos. Através de entrevista semiestruturada coletamos depoimentos de sujeitos que viveram, trabalharam e praticaram a dança nesses períodos. O trabalho de campo assumiu as orientações da pesquisa de cunho qualitativo, e a pesquisa histórica e documental foi nossa bússola metodológica. Os sujeitos elencados foram bailarinos, professores, coreógrafos e diretores de companhias e grupos de dança de Manaus, pelo fato de serem as pessoas que vivem e transitam até os dias atuais no mundo da dança. O estudo mostra que é perceptível o crescente desenvolvimento da dança no Amazonas e que a mesma se encontra em nível igualitário aos grandes centros urbanos das principais cidades do Brasil.

Palavras Chave: Dança, História e Historiografia, Amazonas, fatos, sujeitos

¹ Doutora e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, Coordenadora e Professora do Curso de Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas onde ministra as disciplinas História da Dança I e II, Dança e Cultura Popular e Desenvolvimento Psicomotor. É diretora e coreógrafa da Pajê Cia. De Dança. Pesquisadora de gênero, sexualidade e dança.

INTRODUÇÃO

Enveredar por investigar sobre o passado é deveras desafiador. O vento que arrasta a poeira do tempo não a leva para frente, ela se move inexoravelmente para trás. Nomes, datas, fatos, feitos e rostos vão se confundindo. Uma nuvem embota a memória. Há um véu onde as lembranças se escondem e uma luz bruxuleante é o contraponto que ajuda a iluminar a escuridão. A busca pelas reminiscências guardadas na caixa escura do cérebro que teimam em se esconder é uma luta constante entre os lampejos das recordações e o escuro das lembranças. Sabe-se que memória biológica é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar (evocar) informações internamente disponíveis no cérebro. Na verdade, existem várias memórias, pois há diversas fontes de armazenamento em nosso cérebro. Na dança é comum falar-se de memória do corpo ou memória corporal que é a memória de uma recordação ligada ao corpo que pode ou não ser percebida de forma consciente (BERRY, 2003). Pode ser agradável ou desagradável e depende de como o estímulo que gerou a memória foi percebido em um primeiro momento, e de como ele já foi experimentado e ressignificado durante a vida.

Nosso estudo está embasado na memória biológica, pois é através dela e por ela, que os sujeitos da pesquisa vão nos trazer o conhecimento da gênese da dança no Amazonas. O estudo vai nos traçar uma historiografia da dança no Amazonas desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais. No primeiro momento, os dados da pesquisa foram coletados a partir dos registros encontrados nos jornais publicados naquela época e que foram absorvidos da pesquisa de doutoramento da Profa. Dra. Ítala Clay Freitas. Buscamos referências também nos livros “*Ciências e Saberes na Amazônia: Indivíduos, Coletividades, Gênero e Etnias*” e “*A Amazônia dos Viajantes História e Ciência*”. Contudo, nos debruçamos mais especificamente nos relatos coletados de sujeitos que viveram na década de 1960 a 2000 e que até o momento estão em atividade no mundo da dança contribuindo com todo o seu legado.

Iniciaremos nossa abordagem num contexto histórico a partir do séc. XIX até chegarmos a segunda metade do século XX, quando enfim a dança acadêmica e codificada Balé Clássico, chega a cidade de Manaus, onde se estabelece e cria um canal de abertura para as outras vertentes da dança como o Jazz Dance, a Dança

Contemporânea e as Danças Urbanas. Não iremos abordar a Dança de Salão e as Danças Populares porque as mesmas já estavam presentes na cidade desde os primórdios de sua fundação.

O presente artigo está dividido em dois subitens para maior entendimento sobre a gênese da Dança no Amazonas. No primeiro subitem abordaremos a dança registrada nos jornais publicados no período de 1850 até a década de 1960. No segundo subitem, registramos os relatos coletados nas falas dos sujeitos da pesquisa que ainda se encontram em atividade e dados encontrados e registrados dos sujeitos que não se encontram mais no plano físico, mas que deixaram seu legado, para que sua descendência bebesse na fonte dos grandes conhecimentos deixados por eles com relação à arte da dança.

1. História e memória da dança no Amazonas

1.1 No prelúdio era assim

A dança no Amazonas, e mais especificamente na cidade de Manaus é ainda adolescente. Seu início ainda é indefinido, mas registros comprovam que a dança acadêmica, ou seja, o balé clássico está presente na cidade de Manaus desde a segunda metade do século XX. Manaus era a província mais distante da corte, eram necessários meses para se chegar até a cidade cuja a única opção de transporte era o fluvial.

Dois grandes momentos contribuíram para elevar a cidade de Manaus a uma metrópole nos moldes europeus, sobretudo parisiense, mas também dos ingleses e portugueses. O primeiro ocorreu no final do século XIX e início do XX, no período conhecido como “áureo tempo da borracha”, cujo enriquecimento e progresso a tornou conhecida mundialmente como a “Paris dos Trópicos”, onde foi erigida uma cidade que sonhava em ser uma metrópole assentada em edificações majestosas, como o Mercado Municipal, o Palácio da Justiça e o portentoso Teatro Amazonas. Mesquita (1999), assinala que “em 1889, com a Proclamação da República do Brasil, encerrava-se o sistema monárquico no país, iniciando uma nova fase da política brasileira; e no Estado do Amazonas, desponta um período de prosperidade econômica que fica evidenciado pelo número crescente de obras públicas realizadas em Manaus”.

É, pois, nesse frenesi que Manaus se desenvolvia. Foi um período de grande desenvolvimento na Amazônia, até ocorrer a desarticulação do sistema gomífero com a perda para a Malásia.

Interessa-nos salientar que os primeiros registros de dança na cidade reportam a publicação do jornal “*O Rio Negro*” datado de 22 de fevereiro de 1868, em que Pingarilho oferece em sua casa um baile com Valsas, Polcas e Mazurcas. Faz-se necessário comentar que até então as danças praticadas eram as Danças de Salão.

Há registros que antes da construção do Teatro Amazonas, Manaus possuía diversos Teatros, os primeiros registros da presença de teatro na cidade data de 1859, como descrito pelo viajante alemão Robert Avé-Lallemant no livro intitulado “*No Rio Amazonas*”. Em seu relato descreve que,

[...] quem em julho de 1859 se arriscasse a atravessar a ponte inteiramente arruinada, que leva ao bairro da Matriz, em baixo dos Remédios, através do tranquilo igarapé, e subisse o outeiro para a igreja, podia, antes de chegar a esta, ver a direita do caminho a ereção edificio singular, dando vistas pela sua extensão, seu material e ainda mais pelo seu destino [...].

Não há registro do endereço, nem pormenores sobre o teatro mesmo porque, por essa época e até a gestão do governador Eduardo Ribeiro, não havia ordenamento de ruas e endereços, as construções surgiam de forma espontânea. Prosseguindo no seu relato, Avé-Lallemant (1859) assinala que, “As paredes estavam sendo feitas aos poucos, de folhas de palmeiras entrançadas, sem que se pudesse ver janela nenhuma. E quando perguntei a que potências tenebrosas seria dedicado o porco espinho – disseram-me ser um teatro”.

A cidade já por esta época possuía uma vida social baseada nas comemorações das festas de santos, cerimônias, rituais indígenas e festas domésticas. Henri Walter Bates² (1848 – 1859) outro viajante que aportou em plagas manauaras aponta que,

Uma grande comemoração era feita por ocasião das festas natalinas. O cerimonial iniciava de manhã com as senhoras e moças trajando blusas brancas e saias rodadas de chita estampada, e seguiam para a igreja. As crianças participavam da procissão cobertas com grotescos enfeites, os mordomos seguravam uma vara com fitas coloridas, as índias mais idosas iam a frente levando o sairé que consistia num traçado de cipó semicircular coberto com tecido e enfeitado com espelhos e bugigangas, ao cantarem um canto dolente na língua tupi, os mordomos agitavam as fitas. (VILLANOVA, 2011, p.127).

² BATES, Henry Water. Um naturalista no Rio Amazonas. São Paulo: Editora Itatiaia, 1979. P.123.

Sabe-se que os enfeites e espelhos do Sairé era um engodo criado pelos jesuítas para atraírem os indígenas para que participassem das cerimônias cristãs. É interessante ressaltar que a maioria dos viajantes que aportaram na Amazônia reforçam o contexto da prática da dança por indígenas, negros e brancos. Robert Avé-Lallemant³ faz o seguinte relato das festas de São Pedro e São Paulo com relação à dança do boi-bumbá, “diante deles, prostrava-se o pajé e defronte um boi de grandes dimensões, na verdade um boneco, acompanhado de batuque e dança”.

Além da festa do Sairé, festejava-se também São Benedito, santo devoto dos negros que passavam “a noite inteira cantando e dançando ao compasso do gambá ou caracaxá”. (VILLANOVA, 2011, p.128). Já Elizabeth Agassiz, viajante que se deteve em observar e relatar mulheres e suas famílias, destaca a presença de “uma quadrilha realizada de modo espontâneo pelas moças índias; sem nenhuma organização elas resolviam ali mesmo, na relva, realizar a dança”. Completa ainda que, “embora a civilização tenha misturado seus costumes aos dos indígenas, havia ainda nos movimentos delas muitos dos gestos nativos, e essa dança convencional perdeu um pouco do seu caráter artificial”. (IDEM, IBIDEM).



Foto do Teatro Amazonas em construção (1896).

Fonte: Sugerência for blogger by Rogério Machado, 2013

Nos noticiários jornalísticos são bem raros os vestígios relacionados a prática da dança. Encontramos raras publicações sobre a dança na cidade dentre esses, o registro

³ AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagem ao Norte do Brasil no ano de 1859. V1 Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. P. 106/107.

de 28 de setembro de 1884 no “Almanach Administrativo Histórico Estatístico e Mercantil da Província do Amazonas informando que o Collégio Brasileiro, educandário exclusivo para meninas num regime de internato e externato tinha como professora de dança a própria Diretora Cândida Maria Pedrosa. Pela mesma época o Collégio Amazonense, também oferecia dança para moças e tinha como mestra de dança Zara Maria Correia. É interessante pontuar que ambas as escolas, ofereciam a dança como uma de suas disciplinas do currículo, porém praticadas apenas por mulheres. Nas escolas para meninos não há menção da prática da dança.

No dia 05 de janeiro de 1887, no jornal “O Artista” tem-se um anúncio sobre uma aula de dança ministrada por um professor estrangeiro (sem mencionar o nome do professor e a dança a ser ensinada). E no dia 20 de agosto de 1903 no Commercio do Amazonas está publicada a divulgação do maxixe no baile popular do estabelecimento de Maximino Cerra. Não foi anunciado mais detalhes sobre os citados eventos.

A partir da década de 1930, estão registradas festas nos salões elegantes da cidade, festas populares e cinema. Em 1938, há a exibição do filme “Soberanos da Dança” com Ginger Roger e Fred Astaire no Cine Manaós, que vai levar aos manauaras o conhecimento do sapateado. Em 29 de julho de 1938 está publicado no Diário da Tarde a exibição da bailarina e atriz Maria Caetana, todavia não cita o local nem a hora da apresentação.

Presentemente e ao vivo encontra-se registrado que no dia 07 de novembro de 1938 chegou na cidade a Cia. De Variedades e Grandes Atrações, trazendo como principais estrelas o casal de dançarinos Fontine, o sapateador cubano da Broadway, o cantor Luiz Amaral, as sambistas Sereia Negra e Nair Alves e a bailarina espanhola La Soldevilla, entre outras atrações menores. Note-se que a sambista Nair Alves era irmã do “cantor das multidões” e a “voz de ouro” Francisco Alves, que era o ídolo maior da música brasileira nessa época.

Achados significativos também foram encontrados sobre a dança acadêmica. Salientamos que no dia 06 de fevereiro de 1949, apresenta-se na cidade vindo diretamente de Santos para Manaus, a São Paulo Ballet com um elenco composto de 14 bailarinas, os maestros Ítalo Izzo e Teodoro Muller, duas costureiras, um eletricista e Henri Klaczo, que era marido de Maria Olenewa, a introdutora do balé no Brasil. A partir da década de 1950, encontramos raros registros de festas populares, manhãs de sol, noites dançantes. Como últimos registros em jornais, temos a 15 de outubro de 1963 a apresentação de Danças de roda e danças rítmicas numa comemoração festiva do

Grupo Escolar São Luiz de Gonzaga. E por fim em 1968 a presença da Professora Zenira Rocha ministrando aulas de Balé Clássico no Teatro Amazonas. Todavia a mesma esteve por pouco tempo na cidade e não deixou um legado ou alunos que pudessem levar adiante a sua presença na cidade de Manaus.

Sem grandes atrativos na cidade, as festas em casas de amigos e conhecidos era diversão preferida da época, dançava-se o “*rock and roll*”⁴ ao som de “*Bil Halley and your comets*”⁵, “*Elvis Presley*”⁶ e “*Beatles*”⁷, era um tempo de bossa nova e da jovem guarda. É importante salientar que em virtude da distância, a moda e os modismos chegavam sempre atrasados. Relembrando essa época “A”, uma de nossas entrevistadas relata que:

Foi uma das épocas mais felizes da minha vida, vivia despreocupada e ansiava os sábados porque era dia de “brincadeira” na casa do Flávio, pois foi lá que aprendi a dançar o *rock*, o *twist*⁸, o *hully-gully*⁹ e os diversos estilos da dança de salão, é lógico que nessa época não tinha esse monte de dança de salão de hoje em dia... (risos). A (entrevista, 2018).

1.2 A Dança no Amazonas a partir da década de 1970

⁴ O rock and roll, conhecido também como rock'n'roll, é um estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, com raízes nos estilos musicais norte-americanos, como: country, blues, R&B e gospel, e que rapidamente se espalhou para o resto do mundo.

⁵ Foi uma banda de rock and roll que teve início nos anos 1950 e que continuou até a morte de Haley em 1981. Esta banda, também conhecida pelos nomes Bill Haley and The Comets e Bill Haley's Comets, foi um dos primeiros grupos de músicos brancos a levar o rock às grandes platéias norte-americanas e ao redor do mundo.

⁶ Elvis Aaron Presley conhecido com o título de Rei do Rock e por apelido Elvis, The Pelvis, foi um cantor, compositor e ator norte-americano, também foi um dos pioneiros do rock and roll e do rockabilly.

⁷ Foi uma banda de rock britânica, formada em Liverpool em 1960. É o grupo musical mais bem-sucedido e aclamado da história da música popular. A partir de 1962, o grupo era formado por John Lennon (guitarra rítmica e vocal), Paul McCartney (baixo, piano e vocal), George Harrison (guitarra solo e vocal) e Ringo Starr (bateria e vocal). Enraizada do skiffle e do rock and roll da década de 1950, a banda veio mais tarde a assumir diversos gêneros que vão do folk rock ao rock psicodélico.

⁸ O ritmo twist foi uma dança inspirada pelas músicas do rock and roll dos anos de 1960. Logo no começo da década, se tornou a primeira dança considerada como “mania mundial”, aproveitando toda sua grande popularidade, principalmente entre o público jovem, ao mesmo tempo que era alvo de pesadas críticas da sociedade tradicional, que acreditava que aquela dança era demasiadamente sensual e sexualmente provocante. Seu principal divulgador foi Chubby Checker.

⁹ O Hully é um tipo de dança de linha não estruturada, muitas vezes considerada como tendo se originado nos anos 60, mas também é mencionada cerca de 40 anos antes, como uma dança comum nas articulações do juke negro na primeira parte do século XX. Em sua forma moderna, consistia em uma série de “passos” que são chamados pelo MC. Cada passo foi relativamente simples e fácil de executar; no entanto, o desafio era acompanhar a velocidade de cada etapa.

A primeira semente havia sido plantada em solo infértil, porém havia na cidade um desejo natural do aprendizado da dança. O cinema exibia os filmes musicais e chanchadas na Atlântica o que fazia as moças da cidade sonharem em um dia tornarem-se bailarinas. A bailarina Margot Fonteyn¹⁰ brilhava nos palcos europeus e seus feitos eram exibidos nos “trailers¹¹” dos filmes exibidos nas telas dos cinemas Odeon, Avenida e Politheama. Impossível resistir à beleza dos movimentos e das formas exibidas por Fonteyn. Nessa expectativa chega a Manaus em 1972, a Professora Glória Velásquez que ministra aulas de Balé Clássico primeiramente no Teatro Amazonas e posteriormente no Ideal Clube. Contudo, Glorinha (como ficou conhecida) era casada com um militar e em breve tempo teve que partir para acompanhar seu esposo. Novamente Manaus ficava órfã da dança acadêmica.

É necessário aguardar o ano de 1973, para Manaus ter enfim o seu professor de Balé Clássico. Adair de Palma aporta em Manaus e cria sua escola de dança. Antes de terem início as aulas “J”, um dos sujeitos da pesquisa nos relata que:

Morava perto da Associação dos Sargentos do Amazonas (ASA) que ficava na Av. Epaminondas, como sempre passava por lá e estava sempre fechada achei estranha a movimentação. Havia pintores trabalhando. Parei na porta e do porão surgiu um homem de estatura baixa, musculoso, usando uma peruca de cachinhos que me abordou. Em princípio tomei um susto porque tinha sido flagrada bisbilhotando, mas, como a curiosidade era maior que a

¹⁰ Margaret Evelyn Hookham nasceu em 18 de maio de 1919 em Reigate, Surrey.

Dama Margot Fonteyn, era uma bailarina inglesa. Ela passou toda a sua carreira como dançarina com o Royal Ballet, eventualmente sendo nomeada *prima ballerina assoluta* da companhia pela rainha Elizabeth II. Iniciando lições de balé aos quatro anos, estudou na Inglaterra e na China, onde seu pai foi transferido para o trabalho. Seu treinamento em Xangai foi com George Goncharov, contribuindo para seu interesse contínuo no balé russo. Retornando a Londres aos 14 anos, foi convidada a participar da Escola de Ballet Vic-Wells de Ninette de Valois. Ela sucedeu Alicia Markova como primeira bailarina da companhia em 1935. O coreógrafo de Vic-Wells, Sir Frederick Ashton, escreveu inúmeras peças para Fonteyn e seu parceiro, Robert Helpmann, com quem ela dançou dos anos 1930 aos 1940. Em 1946, a empresa, agora renomeada como Sadler's Wells Ballet, mudou-se para a Royal Opera House em Covent Garden, onde o parceiro mais frequente de Fonteyn durante a década seguinte foi Michael Somes. Graças à sua aclamação internacional e muitos pedidos de artistas convidados, o Royal Ballet permitiu que Fonteyn se tornasse uma dançarina *freelancer* em 1959.

Em 1961, quando Fonteyn estava pensando em se aposentar, Rudolf Nureyev desertou do Kirov Ballet enquanto dançava em Paris. Fonteyn, embora relutante em fazer parceria com ele por causa de sua diferença de idade de 19 anos, dançou com ele em sua estreia com o Royal Ballet em Giselle em 21 de fevereiro de 1962. Eles eram mais conhecidos por suas performances clássicas em obras como *Le Corsaire Pas de Deux*, *Les Sylphides*, *La Bayadère*, *Swan Lake* e *Raymonda*, em que Nureyev às vezes adaptava coreografias especificamente para mostrar seus talentos. A dupla estreou *Marguerite e Armand*, de Ashton, que foram coreografados especificamente para eles. No ano seguinte, o marido de Fonteyn foi baleado durante uma tentativa de assassinato e tornou-se tetraplégico, exigindo cuidados constantes pelo resto de sua vida. Em 1972, Fonteyn passou à semi-aposentadoria. Em 1979, foi festejada pelo Royal Ballet e oficialmente pronunciou a *prima ballerina assoluta* da empresa. Ela se retirou para o Panamá, onde passou seu tempo escrevendo livros, criando gado e cuidando do marido. Ela morreu de câncer de ovário exatamente 29 anos depois de sua estreia com Nureyev em Giselle.

inibição perguntei: O ASA está se mudando? Ele respondeu que sim e que ali seria uma escola de balé. Nossa! Uma emoção tomou conta de mim, acho que meus olhos brilharam e ele percebeu o meu vivo interesse. Ele continuou: vai iniciar na segunda-feira se você quiser pode vir e trazer suas amigas. Sai de lá saltitante, sem perguntar outros detalhes. **J** (63 anos, entrevista/2018).

A alegria de **J** era contagiante e logo reuniu algumas amigas suas e alunas do Instituto de Educação do Amazonas para iniciarem as aulas de balé. Na segunda-feira estavam lá **J, A, N, E** e **L**. As aulas iniciariam as 16:00 horas, porém a ansiedade era tanta que às 14:30 as mesmas já estavam aguardando na porta. **N** (63 anos) relata que “parece que as horas não passavam”. às 15:30 o professor abre a escola. Outras moçoilas não conhecidas das cinco primeiras foram chegando. Nesse primeiro dia, nove alunos participaram das aulas. **J**, (entrevista 2018) revela que: “meu coração parecia que ia sair pela boca quando ouvi os primeiros acordes da música. Se não estivesse segurando na barra tinha caído, estava me sentindo a própria Margot Fonteyn, minha ídola”. Ao final da aula, o professor solicitou que as alunas sentassem e explicou que durante toda a semana ele estaria ministrando aulas gratuitas para que as alunas tomassem conhecimento de como era as aulas e disseminassem as informações nas suas escolas e vizinhança. Num tempo sem redes sociais a única forma de divulgação era o boca-a-boca, os jornais e a divulgação no rádio.

Após a semana gratuita o professor Adair de Palma comunicou às alunas que a partir daquela data, todas deveriam preencher a ficha de inscrição e fazer o pagamento da mensalidade. **A**, narra que ficou em pânico, não tinha como pagar as mensalidades, pois entre todas as alunas era a mais carente financeiramente. Teimosamente continuou a participar das aulas mesmo sem ter feito o pagamento. Um certo dia o professor chegou até ela e inquiriu: “Mocinha, vi que você está fazendo aula há um mês e ainda não providenciou o pagamento”. **A**, enrubescceu e falou: “professor, me desculpa! Mas, eu não tenho como lhe pagar. A partir de amanhã não virei mais”. Condoído com a situação de **A** que era sua melhor aluna até o momento, De Palma lhe ofereceu uma bolsa de estudos e que não foi em vão. No mesmo ano, **A** se tornou sua “*partner*”. Telles (2003), “considera que cada corpo tem sua dança, seu movimento, sua possibilidade de expressão, não importando idade ou estética, mas sim vontade e perseverança, além da disciplina”. Era o que “**A**” tinha bem forte em sua vida, vontade e disciplina.

Durante sua estadia na cidade, Adair de Palma encenou trechos dos principais balés de repertório, tais como: Giselle, Coppélia, O Lago dos Cisnes, Noite de Valpurges, o Corsário entre outros. Criou assim uma geração que prosseguiu com seus ensinamentos. Das cinco iniciais alunas, duas continuam trabalhando com a dança. Infelizmente, após tentar criar uma boate aos moldes das boates do Rio de Janeiro da década de 1970, numa cidade provinciana como Manaus, De Palma contraiu inúmeras dívidas as quais não conseguiu sanar. Dessa forma,

teve que fugir dos cobradores e assim partiu para a cidade de Porto Velho-RO, onde fixou residência e ficou conhecido com o nome de “Peruquinha”, trabalhou até o fim de seus dias como funcionário da Prefeitura da cidade, restabeleceu seu nome e faleceu aos 72 anos no dia 01 de maio de 2010, vítima de um câncer de intestino.



Pas de deux do balé Noite de Valpurges/1974.
Intérpretes: Jeanne Chaves e Adair de Palma
Fonte: arquivo particular da pesquisadora.

Outro mestre introdutor da dança no Amazonas foi Peduto, que estabeleceu as bases do jazz na cidade de Manaus. Arnaldo Menezes Peduto chegou em Manaus no mês de maio de 1977, para ministrar um curso de jazz dance no Bancrévea Clube. Devido à grande aceitação de público, as aulas foram transferidas para o Teatro Amazonas. Diferentemente de De Palma, Arnaldo era especialista nas técnicas de Jazz, Sapateado e Teatro Musical. Participava frequentemente de cursos de especialização e frequentou cursos no *Joffrey Ballets* e *Jazz Luigi*, além de cursos de Jazz e Sapateado em Hollywood e na Broadway.

Peduto nasceu no Rio de Janeiro, em 25/11/1945, e permaneceu residente na cidade de Manaus até seus últimos dias adotando a cidade como sua, onde para se firmar como profissional ingressou na Universidade Federal do Amazonas como estudante do Curso de Educação Física. Assim, poderia atuar como profissional habilitado na área da dança. Iniciou seus estudos profissionais em 1966, no Rio de Janeiro, na extinta TV Tupy, e entrou para a TV Globo em 1967, como bailarino em espetáculos coreografados por Juan Carlo Berard. Representou o Brasil no Festival de Verão de Moscou em 1970,

e em 1971 apresentou o musical infantil 'Quem Quer Casar com a Dona Baratinha', no Teatro Alvorada. Em 1972 apresentou-se no *Centre Culture Français*, em Abidjan na Costa do Marfim/África e fundou a Academia de Dança, filiada à Federação Francesa de Dança. No mesmo ano, apresentou o espetáculo 'Pussy Cat' em Marselha, na França, e em 1973, o espetáculo “Ipanemíssima” com Suzana Vieira e “O Gigante Egoísta”, no Teatro Glauber Rocha. Em 1974, apresentou na boate “Erótica” o espetáculo “Rio - Fantástico Show da Vida Fácil”, estrelando com Sidney Magal.

Encenou os espetáculos Cabaret, Jesus Cristo Superstar, All that Jazz, Chorus Line, 42th Street, Bolero de Ravel e Sonho Amazônico. Numa época em que estavam surgindo os primeiros festivais competitivos de dança, conquistou um terceiro lugar no Festival de Dança de Joinville com as coreografias “Sangue de Pantera” na categoria de Jazz adulto e “Memórias” no contemporâneo. Em entrevista/2018, “L”, um dos sujeitos da pesquisa assinala que,

Como definir uma pessoa maravilhosa, genial, carismática e amiga como Arnaldo? Ele foi um ícone de todas as pessoas que fizeram de sua Escola o seu passatempo favorito, estar com o Arnaldo era a certeza de grandes e alegres conversas, além de gargalhadas intensas, seu largo sorriso era convite para um papo enriquecedor. Arnaldo além de excelente professor, era um ser humano de um coração enorme. Um grande amigo”. (L, entrevista/2018).

Peduto contribuiu grandemente para o desenvolvimento do *jazz* no Amazonas. Deixou uma herança forte nas mãos de Jeanne Abreu e Adriana Barbosa que até os dias atuais atuam desenvolvendo a linguagem do *jazz* e já garantiram para as futuras gerações um riquíssimo legado. Faleceu em 22/07/1994, vitimado pelo vírus HIV.



Coreografia: Paris/1984

Intérpretes: Jeanne Chaves e Arnaldo Peduto
Fonte: arquivo particular da pesquisadora.

Era o ano de 1977, Adair de Palma havia partido, indo procurar abrigo em outras plagas. Arnaldo Peduto se estabelece na cidade e nesse mesmo ano, retorna a Manaus José Rezende e implanta no Centro da cidade ao lado do Teatro Amazonas, a Academia de Balé Prof. José Rezende que com sua bagagem de estudos amalhada junto às mestras Maria Oleneva, Tatiana Leskova, Ismael Guiser e Nina Verchininna, veio dar novo folego ao balé clássico que havia se tornado órfão a partir da partida de Adair de Palma.

Rezende, ao sair de Manaus ainda um jovem bailarino, queria ampliar os seus horizontes. Foi assim que ele desembarcou na Europa em busca de mais conhecimentos e experiências, fez aulas em Zurique com Bóris Kniassef e em Paris com Nora Kisse e Madame Preobajenska. Em Londres, com Rex Reed o coreógrafo do Australian Ballet, que o convidou para integrar a sua própria companhia de dança.

Em sua *tournee* européia, dançou em Paris em 1956 e na Espanha ao lado do bailarino Pedro de Córdoba. De volta ao Brasil, integrou o elenco do Ballet Brasileiro da Bahia ao lado de Márcia Haydée e Richard Cragun sob a direção de Dalal Achcar. Em 1959, foi convidado a participar do Ballet Acadêmico Metropolitano como primeiro bailarino. Em 1967 teve a honra de dançar no espetáculo inaugural do Teatro Castro Alves, apresentando-se com a Companhia Nacional de Ballet. Trabalhou também no Teatro Municipal do Rio de Janeiro por mais de 27 anos, se destacando em várias produções.

Em Manaus, além das aulas na academia, José Rezende se dedicou a 12 anos de trabalho no Teatro Amazonas, onde tentou estabelecer um grupo que formasse a base de um futuro corpo de baile. Esse sonho só foi concretizado em 1998 com a criação do Corpo de Dança no Amazonas.

Dos vários prêmios que recebeu ao longo de sua carreira, destacam-se a Medalha de Mérito Artístico de Dança que o *Conséuil Internacional de La Danse* (Cid – Unesco) lhe concedeu e a nomeação, em 1988, para exercer o cargo de delegado do Conselho Brasileiro de Dança (CBDD), no Amazonas.

José Rezende manteve sua Escola por mais de 30 anos, acompanhado da pianista Jerusa Mustafa na execução de partituras de música para exercícios de balé durante suas aulas e, principalmente, nos espetáculos como pianista convidada. Deixou a herança de seguidores abnegados que militam ministrando aulas de balé clássico nas escolas,

clubes e academias da cidade. Por apresentar problemas de saúde e em virtude da idade avançada, fechou as portas de sua escola em 2011 e faleceu no ano de 2013.

Conceição Souza, bebeu na fonte dos ensinamentos de Adair de Palma e José Rezende antes de ir para o Rio de Janeiro ampliar seus estudos e dança. É formada em educação física pela Universidade Federal do Amazonas. Iniciou sua carreira na década de 1970 como aluno dos professores mestres De Palma e Rezende.

Em 1979, frequentou aulas de dança na Escola Ismael Guiser /SP e no Balé Estágio onde experienciou alguns estilos de dança. Ao retornar para Manaus em 1980, criou o Grupo Dançaviva, e com ele, a dança contemporânea no Amazonas. Fundou em seguida o Grupo Espaço de Dança do Amazonas (GEDAM) que prossegue em plena atividade. Atualmente, é Diretora Artística do Balé Folclórico do Amazonas e manéem uma agenda comprometida com o fazer artístico popular no Amazonas investindo na divulgação do folclore do Estado.

Nesse quadro de figuras notórias da dança na cidade de Manaus é importante destacar Maria do Céu de Souza Sampaio, conhecida como Lia Sampaio, formada na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), trazendo uma formação musical oriunda do Conservatório de Música Carlos Gomes (BA). Em 1976, se formou em Bacharelado e Licenciatura Plena em dança. Durante dois anos foi bailarina integrante do Grupo de Dança da UFBA, sob a direção de Clyde Morgan.

Ao chegar ao Amazonas em 1981, esteve à frente de projetos culturais da cidade, junto à Secretaria de Educação e Cultura e Instituições Federais, Estaduais e Privadas. Foi coordenadora técnico-pedagógica, produtora, apresentadora e roteirista da TV Educativa, hoje TV Cultura, nas décadas de 1980 e 1990. Professora de carreira da Universidade Federal do Amazonas, no período de 1982 a 1997, ano em que se aposentou e criou a Cia de Dança Lia Sampaio. Em 1986, implantou a metodologia Música e Movimento para crianças, Dança Juventude para jovens e o Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (NUDAC) para bailarinos.

Alguns grandes mestres contribuíram para o desenvolvimento da dança na cidade de Manaus e que hoje mantêm seus nomes registrados e afirmados na História da Dança local. Impossível elencar todos que de alguma forma contribuíram para a dança estar na atualidade construída slidamente. Outros professores podem ser elencados nesse panorama. Dentre eles destacam-se: Mônica Loureiro, Jeanne Abreu, Roseman Monteverde, Lourclely Silvestre, Adriana Barbosa, Patrícia Marques, Getúlio Lima,

André Duarte, Ulisses Aquino, Francis Bayard, Yara Costa, Carmem Arce, entre tantos outros que dificilmente conseguiríamos contemplar.

Durante o período da segunda década do século XX, houve um desenvolvimento significativo da dança na cidade de Manaus. Nesse contexto destacamos a criação dos seguintes grupos, escolas ou cias:

1987 – Criação do Grupo Experimental de Dança da Faculdade de Educação Física (GEDEF), sob a coordenação da Professora Chang Yen Yin.

1994 – Criação da Cia. Amazonense de Dança – Direção Prof. Jeanne Abreu

1998 – Criação do Corpo de Dança do Amazonas – Direção Getúlio Lima

1998 - Criação do Balé Álvaro Gonçalves – Direção Álvaro Gonçalves

2000 – Criação da Escola de Dança Arnaldo Peduto – Direção Adriana Barbosa

2001 – Criação do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas

2002 – Criação do Studio de Dança Patrícia Marques – Direção Patrícia Marques

2008 – Criação do Balé Folclórico do Amazonas – Direção Conceição Souza

Nessa catalogação é importante destacar os Festivais, Mostras, Espetáculos de Escolas e Academias que divulgam e reconhecem a dança como Arte.

Festival Amazonas de Dança (FAD)
MOVA-SE FESTIVAL DE DANÇA
Mostra de Dança do Amazonas (MODAMA)
Festival Universitário de Dança (FEUDAN)
Black River Festival de Dança
H2 INTENSIVE (JAZZ E DANÇAS URBANAS)
Pequenos Notáveis

Outros grupos em atividade: BackStage Grupo de Dança e Academia, Casarão da Dança, 7&8 Studio de Dança, R2 Studio de Dança, Espaço de Dança Ulisses Aquino, entre outros espaços que ainda estão sendo catalogados.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível constatar que a dança na cidade de Manaus vem se desenvolvendo de forma gradativa e consideravelmente qualitativa. O esforço

dos introdutores que por aqui passaram e os que se estabeleceram foi a mola mestra para impulsioná-la e fazer com que a dança adquirisse “*status*” de arte e não de mero divertimento. Este foi o parâmetro seguido pelo estudo para que fosse possível identificar o problema engendrado no contexto histórico sobre a gênese da dança na cidade de Manaus/AM. Para o estudo proposto, foram elencadas os períodos de tempo a partir da segunda metade do século XIX, e a dança a partir da década de 1960 do século XX, o segundo momento nos remeteu a conversar e escutar relatos de pessoas que viveram essa época e que tornaram o estudo e a pesquisa na criação em dança de forma consistente e objetiva. Contudo, dentro desses dois períodos destacados, fomos levados por enveredar na pesquisa das pessoas e fatos das diferentes linguagens da dança como o Jazz, o Balé Clássico, a Dança Contemporânea e as Danças Urbanas, ficando extremamente difícil para a pesquisadora enumerar e destacar os inúmeros dados. É importante salientar, que se faz necessário pesquisar as vertentes da dança separadamente para que se possa detalhar os sujeitos e fatos. Dessa forma, preferimos destacar os primeiros desbravadores que contribuíram para que a dança se estabelecesse de forma sólida e estável. Não achamos pertinente enveredarmos por uma temática tão importante de forma superficial.

Ao fazer uma análise de como a dança se encontra na atualidade, entendemos que a mesma se encontra fortemente estabelecida e em plena expansão. A cada dia mais e mais grupos, escolas e academias, assim como grupos independentes estão aparecendo com uma dança bem embasada, criativa e estudada. Observamos que a partir da implantação do Curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas, houve um avanço qualitativo das produções em dança. Os estudos teóricos de grandes autores mostram que há realmente um interesse significativo no crescimento profissional dos jovens intérpretes criadores. Este fato é reafirmado através deste instrumento ora apresentado, formado pela contribuição de depoimentos reais, colhidos a partir da pesquisa de campo desenvolvida e o referencial teórico selecionado com renomados autores.

A cada encontro com os sujeitos da pesquisa, voltávamos aos estudos com maior tenacidade e fixidez na ânsia de atingir os objetivos propostos na mesma. Os autores consultados e referendados, além de outros que não estão nas referências, mas que auxiliaram no desvelar do problema, nos deram o suporte para que, à luz da cientificidade, pudéssemos entender a historiografia da dança na cidade de Manaus. De

fundamental importância é que a constituição deste trabalho permitiu detectar e apontar a possível gênese da dança no Amazonas.

3 REFERÊNCIAS

DIAS, Edinéa Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto. Manaus: 1890-1920.** Manaus: Valer, 1999

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. **Manaus e a Dança Contemporânea dos anos 80.** Monografia não publicada. Manaus: 2000

XAVIER, Adalto. **Dançando conforme a Música.** Manaus: Valer, 2012

CARVALHO JR. Almir Diniz e NORONHA, Nelson Matos. **A Amazônia dos Viajantes, História e Ciência.** Manaus: EDUA, 2011.